



“Educação como prática de Liberdade”:
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9506 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

OS MOVIMENTOS DE PARTICIPAÇÃO DOS BEBÊS EM UMA TURMA DE
BERÇÁRIO: ENTRE AS CULTURAS INFANTIS E UMA CULTURA ADULTA
SENSÍVEL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Daliana Loffler - UFSM - Universidade Federal de Santa Maria

Ana Cristina Coll Delgado - UNOESC - Universidade do Oeste de Santa Catarina

**OS MOVIMENTOS DE PARTICIPAÇÃO DOS BEBÊS EM UMA TURMA DE
BERÇÁRIO: ENTRE AS CULTURAS INFANTIS E UMA CULTURA ADULTA
SENSÍVEL NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

RESUMO:

O texto apresenta um recorte dos resultados de uma pesquisa sobre a participação dos bebês no cotidiano da escola infantil cujo objetivo geral foi analisar como os bebês vivenciam os movimentos de participação construídos por e entre eles e com as crianças maiores em uma turma de berçário. A pesquisa, inspirada na etnografia com crianças, apresenta seu quadro teórico-metodológico alicerçado nos Estudos da Criança. As análises apontam que a participação dos bebês é marcada por elementos das culturas infantis – ações não verbais e elaboração de estratégias para brincar e interagir –, o que reverbera nas ações docentes e nos desafia a pensar em uma cultura adulta mais sensível e acolhedora na educação infantil.

Palavras-chave: bebês, movimentos de participação, educação infantil.

Este texto apresenta um recorte de uma pesquisa inspirada na etnografia com crianças (GRAUE e WALSH, 2003) que contou com a participação de 10 bebês [i] de 1 ano e 2 meses a 2 anos e 4 meses (agosto de 2017), realizada em uma Unidade Federal de Educação Infantil no sul do Brasil. O objetivo da pesquisa foi analisar como os bebês vivenciam os movimentos de participação construídos por e entre eles e com as crianças maiores em uma turma de berçário. Considerando que os referidos movimentos podem estar ou não estar vinculados com as relações dos bebês entre eles, com crianças maiores, com os adultos (profissionais, familiares e visitantes) e com a organização dos ambientes, tempos e materiais da escola infantil, um dos objetivos específicos da investigação foi refletir sobre quais são os limites da participação dos bebês, uma vez que as suas ações também podem esbarrar em posturas docentes pouco acolhedoras.

Partindo da ideia de que a vida passa onde nos encontramos (STACCIOLI, 2013), e portanto ela também sucede em uma turma de berçário, a participação dos bebês é concebida como um direito, mas também como um elemento presente na vida deles. Nessas condições, a participação dos bebês sofre um conjunto de atravessamentos que ora a possibilitam, ora a limitam, mas que nunca a eliminam por completo, ampliando a compreensão de que os

movimentos de participação dos bebês podem apontar caminhos para modificar a prática educativa, sem necessariamente classificarmos os tipos ou modos de participação.

O quadro teórico-metodológico da pesquisa está alicerçado nos Estudos da Criança pelas contribuições da Sociologia da Infância, da Antropologia da Criança e da Psicologia Cultural, além de autores da História da Infância e da Educação, pois esses campos têm contribuído com investigações sobre as práticas e saberes infantis, compreendendo que todas as crianças, independentemente da idade, são capazes de participar, manifestando-se no seu cotidiano, bem como reconhecem as culturas infantis como uma especificidade da infância, cujas produções sociais e culturais são ricas e complexas, permitindo também a reflexão sobre práticas adultas (ARLEO e DELALANDE, 2010).

A investigação contemplou no seu processo a escuta dos bebês, trazendo as crianças menores de dois anos para o cenário acadêmico e social. Os preceitos etnográficos relativos à presença constante da pesquisadora, à observação atenta da realidade e à descrição em detalhes (GEERTZ, 1989) permitiram a compreensão das especificidades do grupo social investigado, tornando possível apreender as sutilezas e minúcias das relações que os bebês estabeleciam entre si e com os outros, e construindo uma oportunidade de “fazer acontecer” os processos de escuta desses sujeitos.

A presença no contexto investigado foi de 5 meses – de agosto a dezembro de 2017 (151 horas de observações). As primeiras observações foram realizadas no *hall* de entrada da escola e gradativamente adentraram os demais espaços até chegar à turma que fez parte da pesquisa. A aproximação das crianças foi lenta e gradual, permeada pelo respeito aos seus tempos, curiosidades e modos de interação (FERREIRA, 2010). Para a realização dos registros foram utilizados cadernos para anotações *in loco* e uma máquina fotográfica para a produção das imagens, as quais foram utilizadas como um recurso que reafirmava, ampliava e/ou fixava os enunciados escritos, mas que também atuaram como um outro texto (SCHWENGBER, 2012). Tanto os registros escritos quanto as imagens constituíram os “Diários Descritivos Narrativos”, que foram denominados de *descritivos* porque diariamente eram descritas todas as situações que haviam sido filmadas e *narrativos* porque contavam alguns processos que não havia sido possível gravar e, neste caso, as notas de campo eram a base para a construção das narrativas. Portanto, o Diário Descritivo Narrativo, um documento com aproximadamente 300 páginas, reunia em detalhes escritos e em imagens a densidade do que foi vivenciado diariamente pelas crianças e pela pesquisadora e foi a principal fonte de dados para o processo de construção das dimensões de análise.

Ao fim do processo investigativo, as imagens foram imprescindíveis no que se refere ao retorno dos dados aos sujeitos da pesquisa. Para os adultos, uma cópia impressa do trabalho final talvez fosse suficiente para que pudessem acompanhar as construções acerca dos movimentos de participação dos bebês, mas e para os bebês? Compreendemos que o uso das imagens é um modo de garantir a participação dos bebês no momento de devolução da pesquisa, então foram organizados “painéis de documentação” (ALTIMIR, 2010), que seguiram expostos na escola [\[ii\]](#).

O enfoque na participação dos bebês no cotidiano da escola infantil justifica-se pelo tensionamento produzido em duas situações que ainda afastam os bebês da condição de participantes nos contextos sociais: a primeira refere-se ao distanciamento entre o discurso dos direitos à participação dos bebês e a sua real efetivação; a segunda concerne à limitada presença desse grupo social da infância no âmbito das pesquisas em educação.

Tomás (2011) aponta para a existência de um abismo entre o discurso de garantia dos direitos das crianças e a sua real efetivação, especialmente no que diz respeito ao direito de participação. Além disso, são recentes as investigações com bebês em contextos de vida

coletiva nos programas de Pós-Graduação em Educação no Brasil, como também pesquisas que focalizam a participação dos bebês [iii]. Embora nos últimos anos as pesquisas brasileiras tenham realizado um processo de escuta das crianças, ainda predominam trabalhos em que é possível observar a hegemonia de uma escuta dos adultos sobre as crianças, configurando-se um grande desafio a transposição do discurso sobre a participação para a criação de espaços de participação.

O tensionamento dessas questões – que são desafios a serem superados nos estudos sobre a participação infantil – propõe, também, uma reflexão sobre a forma como os modos de participar das crianças são traduzidos nos referenciais teóricos, por isso os resultados da pesquisa não apontam para a criação de novas nomenclaturas ou classificações, mas sugerem um redimensionamento na forma de compreender essa participação, considerando o grupo social e o contexto no qual estão inseridos.

Outro desafio para os estudos sobre a participação infantil diz respeito a uma abertura para outras/novas concepções de participação a partir da escuta dos bebês. Isso porque autores como Lansdown (2005) ainda associam os maiores graus de participação à aquisição da linguagem oral e a uma gradual independência dos adultos, o que nos leva a inferir que somente as crianças maiores são capazes de exercer graus mais efetivos de participação.

Entendemos que a expressão “As crianças não estão participando” refere-se a um dissentimento da participação das crianças em relação ao proposto pelos adultos, revelando uma concepção de trabalho pedagógico adultocentrada e distante dos referenciais que defendem e apostam na potência e agência das crianças. Do mesmo modo, a compreensão de participação evidenciada nessa expressão pressupõe uma concepção assentada no senso comum, que não percebe a possibilidade de haver outras formas de participar, como a observação (BROUGÈRE e ULMANN, 2012), inexistindo a possibilidade de questionar e refletir sobre como as crianças participam do que é proposto, e para além do que é proposto, o que as crianças estão propondo, o que acontece com o que elas propõem, com os seus jeitos de explorar os espaços e os materiais. Tampouco se consideram os bebês, se eles participam e como participam.

De modo geral, os movimentos de participação iniciados pelos bebês no cotidiano da escola infantil indicam que, quando interagem entre si, com crianças maiores, com adultos ou nas interações que estabelecem com o espaço e seus materiais, eles sempre participam da vida cotidiana. Essa participação que por vezes é mais distante e marcada pela observação, também pode ser mais próxima, marcada por ações intencionais, ocasionais e impulsivas, carregando consigo traços das culturas infantis (CORSARO, 2011) como a utilização de ações não verbais e elaboração de estratégias para participar dos processos de construção das brincadeiras e das interações com as outras crianças. Esses movimentos não são uniformes, pois são vivenciados de maneiras distintas e peculiares, dependendo das combinações relacionais que acontecem no contexto educativo. Por essa razão, a pesquisa não pôde definir, de forma fechada, conceitos e nomenclaturas, mas pôde apontar caminhos para refletirmos sobre como os bebês participam e as reverberações desses movimentos nas ações docentes.

Diferentes posturas eram adotadas frente aos movimentos de participação dos bebês, e uma das dimensões de participação encontrada na pesquisa [iv] indica que a presença dos adultos foi o principal fator que limitou ou possibilitou os movimentos de participação dos bebês, dependendo de como os adultos se posicionavam nas interações e proposições pedagógicas.

Os bebês, nas suas ações, participavam de modos distintos e não previstos pelas pessoas adultas na organização das propostas pedagógicas. Os modos de participação infantil modificavam o proposto, criando outras possibilidades de utilizar os espaços e materiais, as

quais nem sempre eram percebidas pelas professoras, ou, quando percebidas, eram desconsideradas, prevalecendo uma postura de ensino, em que se deve manter a exploração planejada.

Porém, mediante um olhar atento e observador da pessoa adulta que acompanhava a exploração de um grupo de bebês, foi possível uma intervenção sutil e delicada no sentido de ampliar o enredo de brincadeiras dos bebês. Ao longo da ação, em nenhum momento a pessoa adulta falou ou orientou sobre o que e como os bebês deveriam manusear os objetos, mas colocou-se na relação de maneira respeitosa, criando uma possibilidade que poderia ou não ser aceita por eles.

Os movimentos de participação dos bebês modificam a vida cotidiana na escola infantil, independentemente da presença ou dos desejos dos adultos, apontando caminhos para considerarmos o quanto é potente a participação dos bebês e aceitarmos tais movimentos enquanto uma possibilidade de redimensionar a docência na educação infantil. Os modos de participação dos bebês indicam que eles não desejam adultos controladores, mas companheiros mais experientes que os auxiliem e potencializem as suas descobertas.

Falar dos movimentos de participação dos bebês em uma turma de berçário é transitar entre as culturas infantis – porque elas se fazem presentes nos modos de participar desses sujeitos – e uma nova cultura adulta, mais sensível e acolhedora a ponto de reconhecer tais movimentos de participação infantil como constituidores da docência.

Nesse sentido, fica o desejo de que sejamos adultos observadores e mediadores, mas sempre presentes, atentos e não invasivos, o que abre uma outra possibilidade de nos relacionarmos com as crianças, desde uma perspectiva compartilhada, sensível, acolhedora, aberta ao diálogo e reflexiva, em um movimento de equidade e respeito nas nossas relações com os bebês e as crianças maiores.

Notas

[i] Mantemos a identificação do grupo social investigado como “bebês” de acordo com o aspecto cultural que os demarca na instituição investigada – bebês são as crianças que frequentam as turmas de berçário.

[ii] Foram produzidos 9 (nove) painéis, impressos em papel, nas dimensões 130 cm x 90 cm, contendo o resumo do trabalho, os registros dos Diários Descritivos Narrativos que compunham a abertura de cada capítulo e os principais aspectos abordados nas conclusões da pesquisa.

[iii] Foi realizado um “Levantamento da produção acadêmica” no período de 2000 a 2015, com 29 trabalhos encontrados. As fontes consultadas foram: Centro de Investigação em Estudos da Criança da Universidade do Minho em Portugal/CIEC-UM (Dissertações e Teses), Anais do Simpósio Luso-Brasileiro de Estudos das Crianças, Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Anais das Reuniões Nacionais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED) e o Banco de Teses e Dissertações da Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (CAPES).

[iv] As demais dimensões estão relacionadas com a brincadeira e o acolhimento.

Referências:

ALTIMIR, David. **Como escuchar a la infancia?** Barcelona: Octaedro, 2010.

ARLEO, Andy et DELALANDE, Julie. **Cultures enfantines.** Universalité et diversité. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2010.

BROUGÈRE, Gilles; ULMANN Anne-Lise. **Aprender pela vida cotidiana.** Campinas: Autores Associados, 2012. p.307 - 320.

CORSARO, William. **Sociologia da Infância.** Porto Alegre: Artmed, 2011.

FERREIRA, Manuela. “- Ela é nossa prisioneira!” – Questões teóricas, epistemológicas e

ético-metodológicas a propósito dos processos de obtenção da permissão das crianças pequenas numa pesquisa etnográfica. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v.18, n2, p.151-182, jul./dez. 2010. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/1524/1932>> Acesso em: 13 jan 2019.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GRAUE, Elizabeth; WALSH, Daniel. **Investigação Etnográfica com Crianças: Teorias, Métodos e Ética**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

LANSDOWN, Gerison. **Me haces caso?** El derecho de los niños pequeños a participar en las decisiones que los afectan. Cuadernos de desarrollo infantil temprano. N° 36, Fundacion Bernard van Leer, La Haya, Países Bajos, 2005.

SCHWENGBER, Maria Simone Vione. O uso das imagens como recurso metodológico. In: MEYER, Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Orgs.). **Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p. 261-278. STACCIOLI, 2013).

TOMÁS, Catarina. **“Há muitos mundos no mundo”**. Cosmopolitismo, participação e direitos das crianças. Porto: Edições Afrontamento, 2011.